

# ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO DISCURSIVO HISTÓRIA EM QUADRINHOS DA REVISTA ZÉ CARIOCA

## CRITICAL ANALYSIS OF THE GENDER DISCURSIVE HISTORY IN QUADRINHOS OF THE ZÉ CARIOCA MAGAZINE

Jacqueline Wanderley Marques Dantas<sup>1</sup>

Margareth Valdivino da Luz Carvalho<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando a concepção interacional da língua que vê a linguagem como forma ou processo de interação social, este trabalho de cunho analítico-reflexivo situa-se dentro dos estudos linguísticos e tem como propósito analisar os conceitos de Texto, Discurso e Sentido numa perspectiva reflexiva e crítica. O presente trabalho ainda propõe fazer uma leitura das possibilidades de sentidos oferecidos em um episódio da história em quadrinho de uma revista do Zé Carioca fundamentando-se para este propósito em autores que abordam sobre a Análise do Discurso como: Fairclough (1989), Foucault (2014), Orlandi (2012), entre outros.

**Palavras-Chave:** Texto. Discurso. Análise Crítica do Discurso.

**ABSTRACT:** Considering the interactional conception of the language that sees language as a form or process of social interaction, this analytic-reflexive work is located within the linguistic studies and its purpose is to analyze the concepts of Text, Discourse and Sense in a reflective perspective and criticism. The present work also proposes to make a reading of the possibilities of meanings offered in an episode of the comic of a magazine of the Zé Carioca, being based for this purpose in authors that approach on the Discourse Analysis as: Fairclough (1989), Foucault (2014), Orlandi (2012), among others.

**Keywords:** Text. Speech. Critical Discourse Analysis.

### Introdução

A seguinte análise procura desvendar as possibilidades de sentidos oferecidas em um episódio<sup>3</sup> da história em quadrinhos que tem como personagem protagonista o Zé Carioca, uma figura fictícia criada no começo da década de 1940 pelos estúdios Walt Disney com o intuito de retratar o “típico malandro carioca”, que nas edições da revista, sempre se livra de situações embaraçosas com o seu “jeitinho característico”.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2015); Especialização em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (2006); Bacharelado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Piauí (2000); Graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí (2004); Graduação em Letras Espanhol pela Universidade Estadual do Piauí (2013). Atualmente é professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual e Municipal de Ensino na cidade de Picos-PI. Tem experiência na área de Língua Portuguesa e Linguística com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Concepções e Ensino de Leitura, Morfologia e Sintaxe da Língua Portuguesa e Ensino de Língua Espanhola.

<sup>2</sup> Mestre em Letras - Língua e Linguagem pela Universidade Federal do Piauí; Graduação em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí; Bacharelado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Piauí; Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Piauí; Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Professora Efetiva de Português do Ensino Básico da Secretaria Estadual de Educação do Piauí; Tutora Presencial do Curso de Letras - Português da Universidade Aberta do Brasil - Pólo de Picos.

<sup>3</sup> Revista nº 2.394, 2015. pp. 22 – 28.

Para fundamentar esta análise nos apoiaremos no viés da Análise de Discurso Crítica (ADC), que tem como expoente o linguista britânico Norman Fairclough que em sua obra *Language and Power* (1989) propõe uma conscientização sobre os efeitos sociais de textos que integram as práticas sociais, constituindo-se os sujeitos como seres críticos e reflexivos, de modo que venham a intervir de algum modo na sociedade a fim de descortinar as relações de poder presentes nesta sociedade.

A ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85).

É importante destacar que a abordagem faircloughiana da linguagem ancora-se em diversas vertentes teóricas como as de Foucault (1997, 2003) e Bakhtin (1997, 2002), cujas perspectivas discutem sobre discurso e poder e exercem influência sobre a ADC.

Resende e Ramalho (2011), aponta a teoria foucaultiana como uma semente germinadora e fecunda para os estudos da Teoria Social do Discurso, uma vez que as discussões desencadeadas por Foucault (2003) acerca do aspecto constitutivo do discurso, a interdependência das práticas discursivas, a natureza discursiva do poder, a natureza política do discurso e a natureza discursiva da mudança social constituem o princípio da linguagem como espaço de luta hegemônica.

Embora considere os trabalhos de Foucault importantes para o desenvolvimento da ADC, Fairclough (2001a) aponta duas lacunas de que a ADC precisaria rever de modo transdisciplinar: a visão determinista do aspecto constitutivo do discurso, que vê a ação humana unilateralmente estrangida pela estrutura da sociedade disciplinar e, em outro aspecto, a falta de análise empírica de textos.

Outra ciência linguística que veio incorporar requisitos inovadores e positivos à ADC é a Linguística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday. Conforme Resende e Ramalho (2011, p. 56) apresentam em sua obra já citada anteriormente, “trata de uma teoria da linguagem que se coaduna com a ADC, porque aborda a linguagem como um sistema aberto que percebe os textos não só como estruturados no sistema mas também potencialmente inovadores do sistema”.

A teoria faircloughiana da linguagem também mantém um diálogo estreito com as ideias de Bakhtin (1997) acerca da visão dialógica e polifônica da linguagem quando o autor britânico considera a intertextualidade presentes nos textos. Assim como Bakhtin (1997) define os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana, Fairclough (2003, p. 65) afirma que os

gêneros constituem “o aspecto especificamente discursivo de maneiras de ação e interação no decorrer de eventos sociais”.

Não pretendemos aqui nos estender na ADC proposta por Fairclough, mas tão somente enfatizar o seu entendimento teórico sobre o caráter discursivo da linguagem, enquanto “prática social” ou modo de ação historicamente situado.

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...]. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 91 apud RESENDE e RAMALHO, 2011, p. 27).

Nesta afirmação de Fairclough, percebe-se uma intertextualidade com as ideias de Carolyn Miller (1994) com relação aos gêneros. Para esta autora, os gêneros se concretizam por meio de ações sociais que se manifestam em mais de uma situação e mais de um espaço-tempo concreto. Dessa forma, Miller postula que os gêneros são ações retóricas recorrentes, e estritamente envolvidos com as diversas formas de comunicação existentes. Para Miller (1994, p. 152) “uma definição retoricamente sadia de gênero deve ser criada não na substância ou na forma do discurso, mas na ação que é usada para executá-lo”.

## **Gêneros do discurso**

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são compreendidos como tipos relativamente estáveis de enunciado, fortemente marcados por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático diz respeito às escolhas e propósitos comunicativos do autor em relação ao assunto abordado, enquanto que o estilo se refere a um modo de apresentação do conteúdo (formal, informal) traduzido no plano composicional do gênero por meio da seleção de “recursos lexicais”, fraseológicos e gramaticais da língua (BRAKHTIN, 2003, p. 261).

Bakhtin compreende que a língua em uso está fortemente atrelada aos aspectos históricos, culturais e sociais de seus falantes quando ele faz a distinção entre os gêneros discursivos primários e os gêneros discursivos secundários.

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio

cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Sob o viés da teoria bakhtiniana podemos considerar as histórias em quadrinhos (HQs) como um gênero discursivo contemporâneo e complexo, uma vez que são uma manifestação social surgida em condições sociais de produção específicas. A necessidade de entendermos as HQs como um gênero discursivo secundário vai além de uma classificação de gênero. Neste sentido, compreende-se que as HQs se constroem em situações de práticas sociais complexas, necessitando que seus leitores possuam algum conhecimento prévio desse gênero para bem conseguir lê-las e compreendê-las.

### **A linguagem dos quadrinhos**

As histórias em quadrinhos apresentam uma comunicação muito rica que pode ser utilizada para diferentes finalidades como entreter, informar e, também, educar. As HQs são uma mídia onde comportam todos os gêneros e os mais variados temas. Dessa forma, podem servir como um importante recurso didático em sala de aula da educação infantil até o ensino médio, uma vez que apresentam uma linguagem riquíssima, misturando textos e imagens para transmitir uma ideia por meio de narrativas gráficas e estimuladoras.

Will Eisner, um dos mais conhecidos quadrinistas do mundo, utiliza o termo “Arte Sequencial” para se referir aos quadrinhos. Segundo ele, os quadrinhos são “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER, 2010, p. 9).

Segundo Will Eisner (2010) as histórias em quadrinhos por apresentarem uma linguagem mista, composta de palavras e imagens, faz-se necessário que os leitores recorram às suas habilidades interpretativas visuais e verbais para compreenderem o sentido presente nelas.

O quadrinista Daniel Brandão cita o importante quadrinista Scott McCloud (1995) para explicar de forma clara a linguagem dos quadrinhos. Segundo McCloud o termo “Arte Sequencial” poderia confundir quadrinhos com animação, neste sentido, para este quadrinista quadrinhos são imagens organizadas propositalmente de maneira justapostas com um determinado objetivo narrativo e “destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (McCLOUD, 1995).

Nesta esteira, compreende-se que a linguagem dos quadrinhos é única, composta de diferentes particularidades e união de diversos sistemas de signos e elementos com funções e características próprias

que são lidos em conjunto de forma sequencial, constituindo-se os quadrinhos como um produto social contemporâneo, e enquadrando-se como um gênero discursivo secundário que comporta todas as características inerentes a essa categoria de gênero no sentido bakhtiniano.

## **Discurso e sentido**

Todo ato enunciativo resulta de uma ação que envolve sujeitos com perspectivas e visões de mundo diferenciadas. No âmbito social, o discurso está relacionado com a posição do sujeito na esfera do que foi enunciado, ou seja, no contexto da enunciação.

Falar de enunciação e de enunciado significa estabelecer uma fronteira entre o enunciador e seu discurso, seja um discurso filosófico, econômico ou político, porque na esfera social todos os discursos se entrecruzam por fazerem parte de uma construção de “dizeres” cujas especificidades só podem ser compreendidas mediante a situação de ocorrência.

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos (FOUCAULT, 2014, p.34).

Discursos que se produzem continuamente nos levam a uma objetivação um tanto metódica sob diferentes pontos de vista, porque a essência de um dizer não condiciona o sujeito a se marcar discursivamente, uma vez que determinados sistemas sociais mantêm intrinsecamente uma relação dialógica com o poder. Inerente a este poder a forma como o discurso age socialmente. Na Ordem do discurso Foucault nos fala de “doutrinas” (religiosas, políticas, filosóficas), como constitutivas de um inverso de uma sociedade.

Para Foucault (2014), há uma condição indispensável para que o discurso seja validado, é necessário a aceitação deste discurso por um sujeito enunciador num determinado contexto enunciatário. Vários enunciados inversamente questionáveis são polifonicamente suscetíveis de se coadunar com a posição social e ideológica do sujeito enunciador<sup>4</sup>. Nesse sentido, o encontro entre as diversas vozes discursivas cria uma certa tendência de se explicar o inexplicável nas relações estabelecidas nas atividades que envolvem as práticas sociais de linguagem.

---

<sup>4</sup> Falamos aqui do sujeito enunciador numa esfera discursiva, sobretudo no que se refere à posição do discurso como uma entidade social.

## **Discurso: uma questão social**

Assumir um discurso e sua relação com um “dizer social”, constitui na verdade uma possibilidade de se inserir numa construção de dizeres totalmente elementares sob diferentes perspectivas. Há relações de sentido em tudo o que pode ser representativo no âmbito discursivo e há nenhuma relação, quando o vazio das palavras se sobrepõe a uma verdade maior, portanto, a fase do dizer se contextualiza numa realidade mais significativa sob o ponto de vista que não é único na cadeia interativa.

Os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali, nele (ORLANDI, 2012). E falar desses sentidos, significa ampliar a concepção que se tem acerca das representações do discurso em todos os aspectos sociais, culturais, políticos e ideológicos. Sem ter como fugir das questões ideológicas, o discurso se manifesta gradativamente em forma de enunciados numa embalagem sob o prisma de diferentes sentidos, possíveis de serem compreendidos somente, a partir da relação social entre os sujeitos.

Falar do discurso como uma questão social é fomentar certas ações de linguagens em que a (re)criação de sentidos se relaciona com o próprio sujeito enquanto enunciador, considerando que não há discursos únicos, como afirma Bakhtin (2011, p. 298), “o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado”.

Diante uma manifestação discursiva, o sujeito enunciador conduz o interlocutor a interpretações que credibilize o seu próprio dizer.

Para Bakhtin (2011, p. 299), o enunciado se verifica como um fenômeno muito complexo e multidisciplinar e, portanto, é um objeto do discurso do falante, seja qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado. Dito de outro modo, a complexidade do discurso reflete todas as aspirações e o sentido proposto pelo enunciador na cadeia discursiva.

## **O texto e o discurso**

Guiando-se pela concepção interacional da língua, a linguagem passa a ser vista como atividade de realização social, ou melhor, como forma de ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, com o objetivo de influenciar o comportamento do interlocutor, fazendo com que compartilhe de determinadas opiniões.

É aí que surge a Análise do Discurso como uma região privilegiada considerando o discurso "como a instanciação do modo de se produzir linguagem, isto é, no processo discursivo se explicita o modo de existência da linguagem que é social" (ORLANDI, 1987, p. 26).

Segundo a concepção interacional da língua, "quando o indivíduo faz uso desta não é tão somente para traduzir e exteriorizar um pensamento, mas sim realizar ações agir atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)". Assim, sob a perspectiva 'discursiva, a linguagem não é vista apenas como instrumento de comunicação, mas como meio de interação social. Daí depreende-se que o homem ao comunicar-se, está constantemente interagindo socialmente sobre os demais e dessa forma produzindo textos. É importante mencionar que texto aqui é entendido como a manifestação linguística produzida por alguém, em alguma situação concreta (contexto), com determinada intenção.

Segundo Orlandi (1987, p. 159):

Pensando-se o texto no processo da interlocução, podemos tomá-lo como o centro comum, a unidade que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte. Em termos de interação, portanto, podemos dizer que o domínio de cada um dos interlocutores, em si, é parcial e só tem a unidade no/do texto. Essa unidade - o texto - é unidade do processo de significação, é a totalidade da qual se parte na análise da estruturação do discurso.

Baseando-se em Ingedore Koch (2003), é válido afirmar que o conceito de texto depende das concepções que se tenha de língua e sujeito.

Na concepção interacional (dialógico) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores, construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que dialogicamente nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação (KOCH, 2003, p. 17).

Para os adeptos da Análise do Discurso, o termo discurso parece ter significado mais amplo que texto, uma vez que engloba tanto os enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva como as suas condições de produção.

O uso que estou fazendo do conceito de discurso é o da linguagem em interação, ou seja, aquele em que se considera a linguagem em relação às suas condições de produção, ou, dito de outra forma, é aquele em que se considera a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto, são constitutivos da significação de que se diz (ORLANDI, 1987, p. 157).

Segundo a perspectiva da análise do discurso, pode ser entendido o discurso como a instanciação do modo de se produzir linguagem, ou seja, no processo discursivo se explicita o modo de existência da linguagem que é social. Dessa forma, considera-se o discurso como a atividade comunicativa capaz de gerar sentido entre interlocutores, englobando não só o conjunto de enunciado por eles produzido em determinada situação, mas também o evento de sua enunciação.

## As condições de produção do discurso

O discurso, enquanto atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores é constituído pelas condições de produção, entendidas estas como

[...] formações imaginárias, e nessas formações contam a relação de forças (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros), a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa)" (PÊCHEUX, apud ORLANDI. 1987, p. 158)

A respeito das condições de produção, Orlandi (1987, p. 83) afirma:

O contexto histórico - social, a situação, os interlocutores - isto a que chamamos tecnicamente de condições de produção - constituem a instância verbal produzida, ou seja, o discurso. Portanto, o discurso não é fechado em si mesmo e nem é domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz, significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos, etc.

Dessa forma, o discurso engloba os enunciados produzidos pelos interlocutores e o processo de sua enunciação, compreendida esta "como o acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado". Assim, a possibilidade de uma determinada sequência linguística ser dita e produzir um determinado efeito de sentido é regulado por uma exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades linguísticas e seu uso, sua função.

## A noção de sentido na Análise do Discurso

A Análise do Discurso procura mostrar que se constrói a unidade do texto a partir do processo de produção do significado. Neste sentido, busca explicar os caminhos da criação dos significados, tornando explícitos os mecanismos implícitos de estruturação e interpretação de textos.

Segundo a Análise do Discurso, o sentido do que se diz produz-se numa determinada situação histórica, ou seja, a situação passa a ser um componente na análise e compreensão dos atos de comunicação verbal, pois os enunciados podem ter significados diferentes em situações diferentes.

A análise da situação leva à compreensão dos implícitos, que também compõem o significado de um enunciado. Assim, é significativo o que é dito e o que não é dito, o explícito e o implícito.

A análise do discurso tem como unidade o texto. Na perspectiva da análise do discurso, o texto é definido pragmaticamente como a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção. O texto se constitui, portanto, no processo de interação (ORLANDI, 1988, p. 21).



## Análise do episódio: “Zé Carioca Papagaio Letrado”, da revista em quadrinhos Zé Carioca

Passemos agora para a análise dos aspectos discursivos apresentados nos quadrinhos do personagem Zé Carioca, criado por Walt Disney no início dos anos 1940 em visita ao Brasil. O episódio que iremos analisar tem como título Zé Carioca: Papagaio Letrado, que faz parte da revista nº 2.394, publicada em 2015.

Considerando as condições de produção, percebemos que o gênero em questão representa um texto multimodal, composto por linguagens diversificadas, pois nos apresenta palavras e imagens, cores e outros recursos que auxiliam na construção de sentidos pelo leitor.

Ao se deparar com uma história em quadrinhos o leitor tem ao seu alcance uma variedade de códigos e inúmeras possibilidades de uso desses códigos, bem como um leque de opções de sentidos que permitirão ao leitor atribuir significados por meio da junção ou interação entre as duas linguagens constituintes deste gênero: a linguagem verbal e a linguagem visual.

O episódio narrado nesta revista nos traz o protagonista da história, passando por saias justas ao ser confundido com um renomado professor de Economia, que iria ministrar uma palestra em um importante evento da cidade.

No entanto, o ponto crucial da história se revela logo na primeira página (22), quando Zé Carioca e seus amigos ao passearem pela praça se deparam, com diversas pessoas usando óculos.

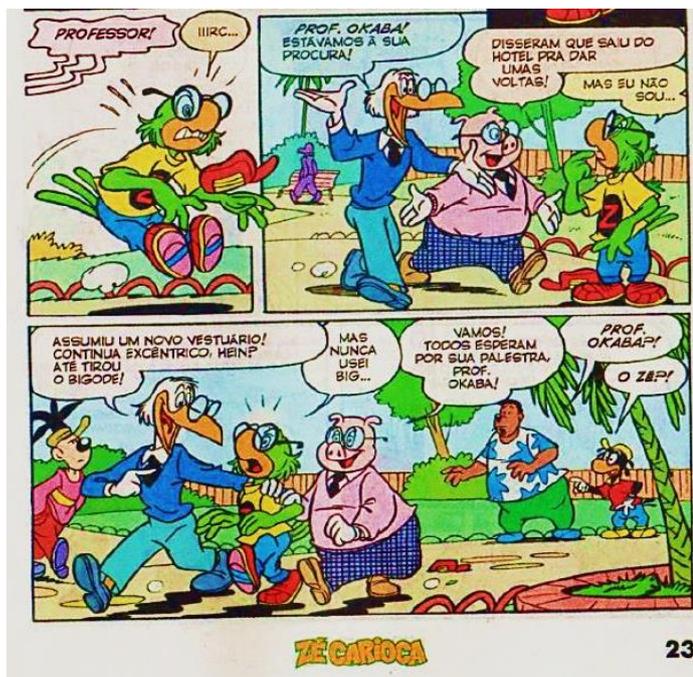
Figura 1- Parte 1 da História: “Zé Carioca Papagaio Letrado”



Fonte: Revista Zé Carioca: *Papagaio Letrado*, nº 2.394, 2015, p. 22.

Zé Carioca comenta com os seus amigos Nestor e Pedrão, sobre o número de pessoas que usam óculos, momento em que Pedrão lhe fala que pessoas que utilizam óculos parecem intelectuais e mais inteligentes. Então, Zé Carioca na sua esperteza, logo trata de arrumar uns óculos e os coloca no seu rosto, momento esse em que é confundido com o professor Okaba. E aí começa a confusão!

Figura 2 - Parte 2 da História: “Zé Carioca Papagaio Letrado”



Fonte: Revista Zé Carioca: *Papagaio Letrado*, nº 2.394, 2015, p. 23.

Zé Carioca ao ser confundido com o palestrante fica nervoso pois nunca deu uma palestra antes na sua vida e não estava preparado para tal missão, contudo, ao lhe falarem em pagamento: “CHEQUE GORDINHO” logo se anima e assume o seu caráter de “rapaz esperto” e “malandro” no bom sentido para ganhar o dinheiro tão sonhado.

Essa história em quadrinhos nos traz um final surpreendente pois o Zé Carioca embora não fosse “letrado” como o título do episódio nos traz, se saiu melhor que o professor intelectual e ganhou com isso até um emprego do seu sócia, o professor Okaba.

A história deixa evidente que a palestra do Zé Carioca foi tão desestimulante que a plateia toda caiu no sono. E o professor Okaba que sofria de insônia contratou o Zé para fazê-lo dormir.

Figura 3 - Parte 3 da História: “Zé Carioca Papagaio Letrado”



Fonte: Revista Zé Carioca: *Papagaio Letrado*, nº 2.394, 2015, p. 24.

O episódio vivenciado por Zé Carioca e seus companheiros traduz com maestria o discurso elitista e dominante presente nos mais diversos campos da atividade humana de que só consegue vencer e se sobressair na nossa sociedade, aquelas pessoas que frequentam os bancos escolares, as melhores universidades e conseqüentemente conseguem os melhores empregos. Essa “formação discursiva” se faz visível no próprio título da história: PAPAGAIO LETRADO (o que leva o leitor a crer no início que o papagaio é muito culto e sapiente). No entanto, nas páginas seguintes esse discurso vai sendo desconstruído pelo próprio humor e ironia presentes na história, quando a esperteza de Zé Carioca ganha a cena, conseguindo o papagaio trapaceiro se dar bem e ganhar com essa condição até um emprego bom.

Percebe-se que a construção de sentidos presentes nos quadrinhos se dá por meio das relações estabelecidas entre os diferentes discursos apresentados pelos personagens que assumem lugares sociais diferentes. Como exemplo, podemos citar a fala da personagem Pedrão na primeira página: “é, mas temos que admitir... quem usa óculos fica parecendo MAIS INTELIGENTE!”.

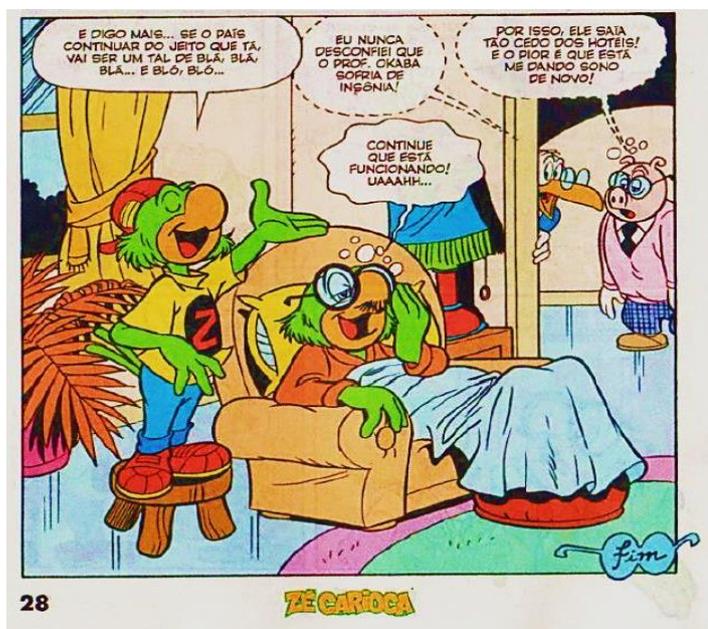
Na fala de Pedrão percebemos uma formação discursiva daqueles que acreditam que ter uma formação acadêmica ou uma boa escolaridade é condição necessária e importante para ser aceito e respeitado na sociedade em que vivemos.

Resende e Ramalho (2011, p. 70) apresentam o significado representacional de discurso proposto por Fairclough (2003a): “diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que dependem de suas posições no mundo e das relações que estabelecem com outras pessoas”.

Na página 28, o Zé Carioca já exercendo a sua função profissional de contador de histórias para o professor Okaba dormir, nos faz lembrar de experiências já vivenciadas por nós em momentos diferentes de nossa existência e que evocam também outras vozes sociais que trazem à tona essa temática, como por exemplo, pode-se citar o tão famoso provérbio popular: “Isso é conversa para boi dormir”, ou seja, o que fulano ou cicrano diz não é digno de confiança, pois as pessoas não acreditam por tratar-se de falsas palavras, ou mentira.

No último quadrinho abaixo, quando o Zé Carioca fala: “E digo mais... se o país continuar do jeito que tá, vai ser um tal de blá, blá, blá....e blô, blô...” essas palavras do Zé remetem o leitor para outras vozes já ditas e ouvidas antes, que transportam o leitor para o cenário político e social do Brasil, reforçando a imagem de que o nosso país não tem mais jeito, pois os governantes só falam, falam, mas não cumprem com suas promessas e obrigações governamentais para com a população e a sociedade brasileira.

Figura 4 - Parte 4 da História: “Zé Carioca Papagaio Letrado”



Fonte: Revista Zé Carioca: *Papagaio Letrado*, nº 2.394, 2015, p. 28.

Por fim, percebe-se nesta história em quadrinhos de Zé Carioca o dialogismo propagado por Bakhtin que postula que diferentes vozes sociais contribuem para a construção de sentidos no texto, coadunando com o pensamento de Van Leeuwen (1997) de que “as maneiras como atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades” (RESENDE e RAMALHO, 2001, p. 72).

## Considerações finais

Constatou-se, com o presente trabalho que por meio da linguagem o homem interage socialmente sobre os seus semelhantes realizando assim uma ação, um ato de fala, o que a teoria linguística conceitua como a "força ilocucionária" da sequência linguística numa determinada situação de interação comunicativa.

Atribuir sentido ao texto, como no caso dos quadrinhos aqui analisadas, significa inserir numa linha mais ideológica a capacidade deste sujeito na sua própria representação social.

Dessa forma o homem pode produzir diferentes atos de fala: ordenar, afirmar, prometer, desejar, criticar, advertir, etc. Assim, ao interagir socialmente sobre o outro, o homem está na verdade produzindo texto, entendido este como unidade complexa de sentido, todo significativo em relação à situação. O texto é dessa forma o produto concreto da atividade comunicativa considerando-se as condições de produção do discurso: a exterioridade sociológica e ideológica, o sujeito e as regularidades linguísticas.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior)

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Equipe de tradução do russo: Aurora Fornoni Bernadini et al. 5. ed. São Paulo:Hucitec/Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**: In: Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Editora Devir, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001a.

- \_\_\_\_\_. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003a.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003[1971].
- \_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA. Disponível em: [http://ava.fdr.org.br/pluginfile.php/237573/mod\\_resource/content/6/HQ2%20-%20Fasc%C3%ADculo-03\\_FINAL.pdf](http://ava.fdr.org.br/pluginfile.php/237573/mod_resource/content/6/HQ2%20-%20Fasc%C3%ADculo-03_FINAL.pdf)
- KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Editora Makron Books, 1995.
- MILLER, Carolyn R. **Genre as social action**. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Org.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis 1994. p. 23-42. (Originalmente publicado em: *Quarterly Journal of Speech*, v.70, p. 151-167, 1984)
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Editora Cortez, 9 Ed. São Paulo-SP, 2012.
- \_\_\_\_\_. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. Campinas-SP: 2 Ed. Editora Pontes, 1987.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane Ramalho. **Análise de Discurso Crítica**. Editora Contexto, 2 ed. 2011.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. Tradução de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In. ORLANDI, E. P. (org.) **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1987.
- VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (org.) **Análise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.